

## Experiências de Temporalidades no Fotojornalismo<sup>1</sup>

Marcia BOROSKI<sup>2</sup>

Centro Universitário Internacional Uninter, Curitiba, PR

### RESUMO

Neste trabalho temos como tema as experiências de temporalidades a partir de fotografias jornalísticas. Buscamos entender como as potenciais experiências sensíveis e comunicacionais se relacionam com a experiencição do tempo. Como recorte, temos fotografias que foram premiadas no campo do fotojornalismo e que constituem-se experiências sensíveis próprias da cultura digital. Isto posto, este trabalho tem como universo inicial de análise fotografias em p&b finalistas do *World Press Photo* (WPP)<sup>3</sup>, entre os anos de 2010 a 2020. A fotografia analógica em p&b foi prioritariamente utilizada até o fim da Segunda Guerra Mundial, quando houve a popularização dos filmes de 35 mm em cor (SMITH, 2018). Por conseguinte, seu uso era estabelecido devido a injunções técnicas. Com o tempo, o estilo monocromático foi perdendo frequência no fotojornalismo e as imagens coloridas foram ocupando espaços. Nesse cenário, a cor se acentuou com um fenômeno paralelo: o uso de imagens cada vez maiores. Essas fotografias eram inicialmente apresentadas nas primeiras páginas e depois foram ganhando outros espaços nos cadernos internos. Com a inserção de fotos de grandes dimensões e sob influência do digital, foi possível também o uso de recursos como o *zoom* e a rolagem de tela para perscrutar toda a superfície da foto. Como resultado, houve pouca expectativa de uso para a foto em p&b e de formato tradicional. Seu agenciamento resulta, de modo evidente, então, de produções autorais. As fotografias do WPP podem ser reconhecidas dentro de uma condição de autonomia midiática, com espaço expositivo e de circulação próprios. No período considerado pela pesquisa (2010-2020), foram indicadas como fotografias finalistas um total de 560 casos (entre *single* e *stories*<sup>4</sup>), dos

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 4 – Comunicação Audiovisual do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Linguagens (Universidade Tuiuti do Paraná). Docente no Centro Universitário Internacional Uninter, e-mail: boroskimarcia@gmail.com.

<sup>3</sup> WORLD PRESS PHOTO FOUNDATION, 2020.

<sup>4</sup> Em português, “única” e “histórias”, respectivamente (tradução nossa). No prêmio WPP, a subdivisão *single* é aquela na qual há fotos únicas, ou seja, apenas uma foto foi inscrita para contar aquela pauta; *stories* são séries de 3 a 12 fotos sobre um mesmo tema ou pauta. Utilizaremos estes termos em inglês para preservar os sentidos originais.

quais 117 (20,89%) eram em p&b. Premiações como as do WPP para a fotografia em p&b indicam tanto a permanência de seu uso, quanto o reconhecimento de sua relevância. Dentro desses casos, o objetivo foi o de, ao observar fotos que se constituem por elementos visuais que remetem a expressões temporais e diversos anacronismos, compreender de quais formas tais produções midiáticas podem participar de episódios comunicativos (BRAGA, 2010) de temporalidades dos eventos sobre os quais contam. Utilizaremos como metodologia a análise imagética por meio das estratégias de leitura verbovisual de cada caso (CAETANO; VEIGA, 2015) e da descrição da própria constituição da imagem, nos termos da visada estética de Didi-Huberman (2020). Quando estamos diante da imagem, estamos diante do tempo, diz Didi-Huberman (2015b). Nas imagens por nós examinadas (Figura 1), tal postulado está claramente exemplificado. Em outra obra, o autor explica que o olhar constituído na experiência aurática é “um olhar que deixaria à aparição o tempo de se desdobrar como pensamento, ou seja, que deixaria ao espaço o tempo de se retramar de outro modo, de reverter em tempo” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 149).

Figura 1 – Relações entre p&b, cor e memória



Fonte: Montagem da autora (2022), a partir de imagens do *World Press Photo*.

Na foto 1<sup>5</sup> identificamos o braço de alguém segurando uma fotografia em p&b de autoria desconhecida, de 1890, em que se vê uma antiga colônia de pinguins <sup>6</sup>. Ela foi refeita pelo fotojornalista Thomas Peschak comparando a diminuição da população, é uma single chamada *Back in Time* e foi finalista na categoria *Environment*, em 2018. As fotos 2 e 3 (as menores, à direita) mostram cenas de Israel fotografadas em 2010 a partir de fotografias de arquivos, feitas entre 1926 e 1979, e fazem parte de um *story*<sup>7</sup> finalista na categoria *Arts and Entertainment* (2011), feito por Amit Sha'al, chamado *Altneuland*<sup>8</sup>. Ao todo, são 12 fotografias. A imagem da Figura 1 relaciona temporalidades distintas: um passado, um passado anterior e um intervalo de passagem do tempo. Em correlação, podemos identificar a distribuição dos tempos verbais: o pretérito mais-que-perfeito sendo o passado anterior – nas fotos antigas, em p&b – e o pretérito perfeito – nas fotos em cores. O tempo não é apenas uma visibilidade, mas uma aparição que comparece em visualidades e em diferentes anacronismos. A inserção do p&b no colorido cria a constelação de diferentes temporalidades evocando necessariamente a memória e a passagem do tempo. Embora o p&b seja um procedimento recorrente para a invocação do passado, as fotos 2 e 3 permitem a associação com a experiência de espacialidade pela evidente contaminação com a ideia de realidade aumentada, potencializada, pelo digital. Esse recurso estético e narrativo segmenta a leitura e retira o foco do que mostra a figura para centralizá-lo nas experiências espaço-temporais. Diferente de Amit Sha'al, que faz enquadramentos que complementam as fotos em p&b – nos quais verifica-se um efeito de espaço aumentado pelo potencial efeito de lupa –, Peschak mantém o mesmo enquadramento da foto anterior, porque a dimensão de quantidade é o que está em foco – já que a foto 1 mostra a diminuição da população de pinguins, cuja causa é a falta de alimento disponível. Ao que parece, nessa imagem esse destaque das distâncias e/ou intervalos é o que reconfigura nossa relação com os outros e com o mundo, e é a partir do qual se dá o processo comunicativo. Talvez então possamos até pensar em uma visualidade em p&b relacionada à memória (compreendida na dinâmica de esquecimento e lembrança). Parece, ao fim, uma forma de trazer à superfície memórias “que

---

<sup>5</sup> Quando mencionada, a numeração das fotografias em cada imagem segue a ordem da esquerda para a direita e de cima para baixo (o mesmo sentido de leitura ocidental).

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo-contest/2018/thomas-p-peschak-EN3/1>. Acesso em: 01 fev. 2022.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo-contest/2011/amit-sha-al/1> Acesso em: 01 fev. 2022).

<sup>8</sup> Em português, “Velha terra nova” (tradução nossa).

prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível [e que] afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa” (POLLAK, 1989, p. 2). Ademais, nas fotos de Sha’al há uma relação de complementaridade pela sobreposição de anacronismos, enquanto na de Peschak a relação é comparativa e evidencia uma ausência de parte dessa população. Esses casos fazem ver a sobreposição de tempos, bem como as transformações dos espaços. Assim, são casos em que há uma comparação de anacronismos históricos distintos e com efeitos de contraste de tempo-espaço dados a partir da diferença cromática (com atualização pelas cores), bem como dos limites dos enquadramentos. Há ainda um outro efeito que aparece nas fotos de Sha’al, o de ludicidade. A relação demarcada entre as fotos em p&b e as em cores coloca em jogo não apenas a memória, evidenciando o tempo que passa ao utilizar aquele efeito de tempo expandido. A memória em si é também participante desse ludicidade, como uma forma de brincar com o tempo. Assim, há sem dúvidas uma evidência de temporalidade bem marcante quando falamos de quadros diferentes com cores distintas.

**Palavras-chave:** estética; fotografia; temporalidades; fotojornalismo premiado.

## REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. *Revista Matrizes*, São Paulo, ano 4, n. 1, p. 65-81 2010. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v4i1p65-81> Disponível em: [https://www.revistas.usp.br/matrizes/art\\_icle/view/38276](https://www.revistas.usp.br/matrizes/art_icle/view/38276). Acesso em: 21 jan. 2022.

CAETANO, Kati; VEIGA, Zaclis. O que as imagens do jornalismo fazem ver: estratégias discursivas do Brasil Post. *Ação Midiática*, Curitiba, jul/dez 2015. DOI: <https://doi.org/10.5380/2238-0701.2015n10p117-138>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/43632>. Acesso em: 01 jun. 2021.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2015b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278>. Acesso em: 01 fev. 2022.

SMITH, Ian Haydn. *Breve história da Fotografia: um guia de bolso dos principais gêneros e técnicas*. São Paulo, Gustavo Gili, 2018.